

a poupar dos proprietários agrícolas.

Marcos Albuquerque e Robert Nicol vão buscar, a partir do segundo capítulo, entender o papel dos grandes ciclos agrícolas, tendo como pano de fundo a própria história econômica brasileira, fazendo uma interessante abordagem às primeiras décadas de colonização portuguesa e interpretando o papel do açúcar e o caráter de enclave da economia do século XVII. Examinam, também, o ciclo da mineração e o Tratado de Methuen, mostrando de que modo contribuíram para a formação de uma nação com potencial econômico suficiente para atrair o interesse dos parceiros de Portugal, bem como o ciclo do café, que representou um passo importante na busca da modernização e do crescimento econômico do país. Os autores não deixam escapar algo fundamental para compreender a dinâmica da industrialização brasileira, que é o papel do Estado e sua associação com a agricultura. Ocupam-se de quase um século de agricultura (1850-1930), destacando a ausência de uma revolução agrícola no Brasil e fazendo um corte analítico por produto, onde notamos o papel crucial do café na geração de mercado para produtos manufaturados, na vinda dos imigrantes, na compra de equipamentos e no processo de acumulação, elementos esses que seriam decisivos na gênese da industrialização recente do país.

No quinto e último capítulo, os autores tratam especificamente dos vinte últimos anos que precederam a década de 1980 e, para isso, utilizam uma profusão de dados bem trabalhados que ajudam a ressaltar a importância da agricultura no Brasil e permitem discutir com bom embasamento questões como produtividade, posse da terra, deficiências de infra-estrutura e o processo de urbanização. Analisam o papel específico da agricultura como liberador de mão-de-obra para a indústria, como fornecedor de matérias-primas e alimentos e no aporte de capitais, ressaltando também o seu desempenho no modelo de substituição de importações e no contexto do modelo exportador, além do papel de gerador de demanda por bens industriais.

Abordam, ainda, a expansão das fronteiras agrícolas, o favorecimento dos preços internacionais e a abundância de crédito como razões do sucesso do setor e entram na polêmica da reforma agrária, recomendando que se pratiquem políticas complementares de emprego e de incentivo à produção agrícola nos latifúndios, como alternativa ao simples incentivo à aglomeração de terras nos grupos de pequenas propriedades, e às propostas convencionais de redistribuição

de terras.

Por tudo isto e pela clara qualidade didática do livro, podemos concluir que se trata de uma interessante contribuição para compreender o desenvolvimento nacional e de uma importante obra de economia agrícola que trará novas luzes aos interessados pela área. □

GUILHERME MARECHAL OU O MELHOR CAVALEIRO DO MUNDO

(Tradução de Renato Janine Ribeiro)

GEORGES DUBY, Rio de Janeiro, Edições do Graal, 1988, 212 págs.

Por Afrânio Mendes Catani

Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Inglaterra, 14 de maio de 1219, por volta de meio-dia: um cavaleiro de 73 anos, cercado de seus familiares, criados, religiosos e ainda bem lúcido dá suas últimas ordens, despede-se daqueles que mais ama e põe fim a uma agonia que durou cerca de três meses. Nessa época, em que "o costume sustenta a ordem no mundo", as belas mortes se constituem em verdadeiras festas. O ritual da morte à maneira antiga não era uma partida furtiva, esquiva, e sim uma chegada lenta, regrada, governada - "um prelúdio, passagem solene de uma condição para outra, superior, mudança de estado tão pública quanto as bodas, tão majestosa quanto a entrada dos reis em suas leais cidades" (p. 10).

O acompanhamento do ritual da morte de um célebre cavaleiro medieval, ocupando todo um capítulo, dá início ao excelente livro de Georges Duby, *Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*, traduzido de maneira impecável pelo Professor Renato Janine Ribeiro. Professor do Collège de France (Paris), Duby é na atualidade um historiador reconhecido internacionalmente pela sua capacidade de aliar sua extraordinária erudição à virtude de tornar o período medieval acessível ao grande público. É autor, entre tantas outras obras, de *Tempo das Catedrais*, *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*, *O Ano Mil*, *Le Chevalier, la Femme et le Prêtre*.

Duby segue o percurso de Guilherme Marechal através de um manuscrito em pergaminho, verdadeira canção de gesta encomendada pelos herdeiros de Guilherme. O objetivo: tornar o Marechal presente, vivo, uma vez que a dinastia que levava seu

nome pouco perdurou após sua morte. O pergaminho tem 127 folhas com duas colunas de 38 linhas cada, perfazendo 19.914 versos. O autor do texto – que consumiu sete anos de trabalho – foi um trovador que assinou apenas como João (acredita Duby que tenha sido João de Early, amigo íntimo do Marechal). Sendo trovador, João não se informou em bibliotecas eruditas, fazendo um trabalho independente e original, bebendo em outras fontes que sem ele ficariam inacessíveis nos dias de hoje, pois pertencem à vertente profana da cultura do século XIII. Assim, o manuscrito explorado pelo historiador vem a ser "a memória da cavalaria em estado quase puro" (p. 48). Duby se vale ainda de duas obras eruditas, a saber, a edição da *História* (3 volumes), organizada por Paul Meyer e publicada pela Sociedade Histórica Francesa (de 1891 a 1901) e, também, o livro do medievalista americano Sidney Painter, *William Marshall, Knight-errant, Baron and Regent of England* (Baltimore, 1933).

A partir dessas fontes, Duby pretende esclarecer aquilo que ainda se conhece pouco, isto é, a cultura dos cavaleiros: "quero apenas tentar ver o mundo como esses homens o viam" (p. 55). Seguindo a trajetória de Guilherme Marechal (1145 (?) - 1219) ele reconstrói o cotidiano das sociedades inglesas e francesas nos séculos XII e XIII. É o mundo dos cavaleiros, dos torneios, das guerras constantes, da vida e da morte da nobreza na Idade Média. Praticamente relegado pela historiografia oficial, Guilherme foi provavelmente o último e o maior dos cavaleiros andantes. Quarto filho de família não inteiramente nobre, onde apenas o primogênito era o herdeiro legítimo, ele foi obrigado a participar de inúmeros torneios e batalhas para sobreviver, principalmente os que se realizavam no norte da França, ganhando um pouco de dinheiro, fama de bom combatente e honras por sua lealdade a algumas casas reais.

Em 1170, Henrique II o designou "para guardar e instruir o rei moço da Inglaterra", que tinha apenas 15 anos. Depois de alguns anos o Marechal voltou aos torneios para ganhar o seu sustento. Retornou à corte de Henrique II com quase 50 anos e o defendeu até a morte dos ataques de seu filho Ricardo Coração de Leão, que estava aliado aos cavaleiros de França. Em combate, Guilherme derrubou Ricardo de seu cavalo, mas poupou-lhe a vida. Com a morte de Henrique II e a ascensão ao trono de Ricardo, mesmo a contragosto o novo monarca lhe concedeu como mulher a "donzela de Striguil", riquíssima herdeira com mais de 65 feudos

(ela era a segunda herdeira mais rica da Inglaterra). O Marechal tinha mais de 50 anos e a donzela apenas 17, tendo ela gerado 5 homens e 5 mulheres. Uma glória derradeira ainda esperaria pelo Marechal: em outubro de 1216, pouco antes de morrer, João sem Terra o designou regente do futuro rei da Inglaterra, Ricardo III, então com 12 anos.

Georges Duby produziu um quase romance, pois *Guilherme Marechal* se distingue dos trabalhos acadêmicos tradicionais. Escrito num estilo leve, despido de introduções teóricas e notas de rodapé, o livro é para ser devorado num fôlego só. A partir do estudo do professor francês, torna-se possível chamar a atenção para algumas constatações sobre a época. De início, observa-se que a maior parte das propriedades e dos bens das famílias nobres eram herdadas pelos primogênitos, cabendo aos demais filhos homens pequenas migalhas. A sociedade era eminentemente masculina, e quando se pronunciava a palavra *amor*, queria-se referir "ao ápice da amizade varonil". As crianças praticamente não tinham existência, sendo a infância um mero "lugar de passagem" para a vida adulta. As mulheres eram, com frequência, dadas em casamento (acompanhadas do respectivo dote) aos filhos dos senhores amigos, bem como de ex-inimigos. Neste último caso, com a finalidade de se manter a paz numa determinada região, onde mais de um senhor predominava. Além disso, os reis podiam dispor das viúvas para entregá-las, com a finalidade de contrair novas núpcias, a cavaleiros que haviam prestado serviços relevantes à coroa. Apesar de a sociedade ser eminentemente masculina, ressalta o Professor do Collège de France que nessa época o único poder autêntico é o dos homens casados. "O homem vale mil vezes mais do que a mulher, mas não vale quase nada se não possuir ele próprio uma mulher, legítima, na sua cama, no centro de sua casa." (p. 181.)

Lendo *Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo* nos empolgamos com a narrativa de Duby, e devemos dar graças aos céus que o cavaleiro andante encontrou na pessoa de um anônimo trovador um biógrafo à altura. Sua pena permitiu que todo um período histórico fosse resgatado, possibilitando que fenômenos quase milenares hoje nos influenciem nos mínimos gestos. Aliás, não é por outra razão que Erwin Panofsky nos lembra que, quando alguém tira seu chapéu para cumprimentar, está reproduzindo, sem o saber, o gesto dos cavaleiros da Idade Média, que tiravam seus capacetes para manifestar suas intenções pacíficas. □